

DATALUTA



BOLETIM DATALUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, março de 2023, número 183. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATALUTA

AS ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO: *COMMUNITY SUPPORTED AGRICULTURE* (CSA) BRASIL E PORTUGAL

ARTIGO DO MÊS

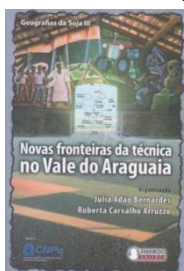
DA INVASÃO EUROPEIA AOS PERIGOS DA TESE DO MARCO TEMPORAL: POR UMA CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA SOBRE A DISPUTA E O CONFLITO TERRITORIAL

Acesse aqui: <https://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/dataluta/periodicos-dataluta/boletim-dataluta/>

EVENTOS

XV ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA
Universidade Federal do Tocantins – UFT - Palmas – TO, de 9 a 13 de outubro de 2023.

PUBLICAÇÕES, VÍDEOS E POD TERRITORIAL



Livro: **Geografia da Soja III: novas fronteiras da técnica no Vale do Araguaia** – Organizadoras: **Júlia Adão Bernardes e Roberta Carvalho Arruzzo**.
Para baixar:

<http://nuclamb.geografia.ufrj.br/geografia-da-soja-iii-novas-fronteiras-da-tecnica-no-vale-do-araguaia/>

WEBINAR REDE DATALUTA

Realização: Rede DATALUTA.

Canal de webinars da Rede DATALUTA, a rede de grupos de pesquisas em Geografia Agrária mais ampla do Brasil. Confirmam os vídeos que já estão disponíveis, resultados de seminários virtuais com os mais variados temas!

Para ver: <https://www.youtube.com/c/REDEDATA LUTA/videos>



Webinar Rede DATALUTA

Autores: Vários

O Podcast Unesp, em parceria com a Cátedra Unesco Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial, publica semanalmente noticiário sobre Reforma Agrária, povos de diferentes etnias, questões geográficas e outros assuntos que colaboram significativamente no desenvolvimento social.

Para ouvir/baixar: <http://podcast.unesp.br>
PodCast Unesp – Pod Territorial.

EQUIPE:

Revisão, Edição e Coordenação: Aline Albuquerque Jorge, Bruna Gonçalves Costa, Danilo Valentin Pereira, Gerson Antonio Barbosa Borges, Jhiovanna Eduarda Braghin Ferreira, José Sobreiro Filho, Lara Dalperio Buscioli, Lucas de Brito Wanderley, Leonardo Lencioni Mattos Santos, Letícia Alves Leonardo e Wilians Ventura Ferreira Souza.

Leia outros números do **BOLETIM DATALUTA** em <https://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/dataluta/periodicos-dataluta/boletim-dataluta/>

AS ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO: COMMUNITY SUPPORTED AGRICULTURE (CSA) BRASIL E PORTUGAL

Fernando Freitas de Almeida

Doutorando em Geografia
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
fernando.f.almeida@unesp.br

Marcelo Dornelis Carvalho

Professor em Geografia
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
marcelo.carvalho@unesp.br

INTRODUÇÃO

As estratégias identificadas e estudadas em ambos os países da *Community supported agriculture (CSA)* torna-se central aqui entendida como uma tecnologia socioterritorial mundializada presente no Brasil e em Portugal. Essa estratégia é traduzida na língua portuguesa de duas formas, como Comunidade Sustenta Agricultura ou Comunidade que Sustenta a Agricultura. A CSA parte da organização dos camponeses com consumidores, que se intitulam coprodutores que pagam um valor fixo por mês e recebem uma quantidade de alimentos semanalmente em algum ponto de entrega na cidade ou no próprio campo.

A agroecologia como ciência, Altieri (2012), serve de base na produção nos territórios e dos territórios que a CSA está presente, proporcionando uma regeneração de paisagem, a partir de outra lógica que não a hegemônica. Nos assentamentos estudados, revelam-se como importantes articuladores entre a produção e comercialização, entre os camponeses e quem se alimenta, indo além da relação de consumo.

Por sua vez, a geografia ofereceu ferramentas teóricas e metodológicas fundamentais para compreensão destes territórios, sobretudo aquelas preocupadas no processo chamado “da semente à mesa” (Borges e Fernandes, 2021), permitindo uma nova lógica de organização da comercialização e da produção, pensada pelos assentados de reforma agrária e pelos consumidores. Isso engloba desde a produção e colheita até a circulação e entrega, o que acaba por mudar a lógica imposta pelos mercados tipicamente capitalistas.

Nas CSAs em Portugal, há importantes aproximações, pois essas se articulam da mesma forma, em circuitos curtos, garantindo, conforme observado no trabalho de campo, uma renda que assegura a reprodução dos camponeses, complementada com subsídios da União Europeia (U.E) e de Portugal. A CSA se apresenta como uma das estratégias de reprodução dos assentados no Brasil, e dos camponeses em Portugal, criando outros mercados, com uma lógica diferente da hegemônica marcada pelo domínio das redes varejistas, produzindo também outro desenvolvimento regional, ou seja, outros territórios.

Nesta perspectiva, fez-se um estudo partindo das CSAs que se organizam do Brasil e as CSAs em Portugal, compreendendo a aproximação da organização das CSAs no Brasil e em Portugal, entendendo estas estratégias como uma proposta de outro tipo de desenvolvimento territorial. Possibilitando a construção de um pensamento que parte de estudos de casos específicos, mas que

oferece contribuições na teorização no entendimento de outros contextos socioespaciais e temporais (Fernandes,2012).

A pesquisa pretende-se apoiar nos seguintes métodos e processos, primeiramente no trabalho de campo, no contato com camponeses, com os cooagricultores (consumidores) e demais sujeitos históricos envolvidos com CSA. O trabalho de campo como método na Geografia torna-se central, sendo realizado, nos lotes de reforma agrária dos Assentamentos Bela Vista e Ipanema de Iperó/SP, CSA Coração e CSA Sorocaba no Brasil em 2022; na Quinta da Maravilha (Setúbal), CSA Beja (Beja), Conferência Nacional de Agroecologia de Santarém na 59ª Feira Nacional de Agricultura (FNA) em Portugal em 2023.

A produção de mapas permitiu espacializar as CSAs em ambos os territórios, a fim de entender a escalaridade dos fenômenos, torna-se seminal por serem registros de dado tempo; à representação espacial possibilita uma interpretação importante do território, tendo em vista que o mapa tem sempre uma intencionalidade na sua representação, sendo fundamental para conceber na pesquisa.

O levantamento bibliográfico, sendo que este processo atravessou toda a pesquisa, possibilitando uma compreensão profunda sobre os temas e estabelecendo relações entre a observação em campo e o conhecimento construído sobre a temática. Para compreensão deste estudo fez-se necessário o recurso a autores como: Chaffotte e Chiffolleau (2007), Aubry e Chiffolleau (2009), Moreno (2017), Braz e Pereira (2018), Braz (2018), Origuela (2019) e Borges e Fernandes (2021), SANSOLO et al. (2021) que possibilitarão um debate acerca dos circuitos agroalimentares de proximidade.

Como principais resultados têm i – a territorialização da CSA como tecnologia socioterritorial mundializada ii – organização de mercados contra hegemônicos da semente à mesa iii – diferenças qualitativas e quantitativas entre a organização política dos movimentos em torno da CSA do Brasil e Portugal.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

As tipologias elaboradas por Chaffotte e Chiffolleau (2007) e Aubry e Chiffolleau (2009) ao analisar o contexto francesa dos circuitos curtos, servem de referências fundamentais ao desenvolvimento, ao categorizar em dois tipos os circuitos curtos: a venda direta e a venda indireta, nos traz condições de pensar na tecnologia socioterritorial, (SANSOLO et al., 2021), e posicionar a CSAs como venda direta tendo em vista a participação direta do produtor.

Ao considerar a realidade brasileira, Braz (2017) traz elementos de compreensão capitais, pois para além da comercialização avança para pensar no modelo de produção, comercialização e consumo interligados, e destaca a importância deste modelo para desenvolvimento local.

Desta, em oposição aos modelos de produção, comercialização e consumo dominantes e tendo em vista as relações de proximidade, novos conceitos têm sido formulados. Um dos mais importantes é o conceito de Circuitos Curtos agroalimentares, ou Circuitos de proximidade. Essas novas tipologias metodológicas, tem em vista a proximidade social e geográfica entre produtores e consumidores, o que além de um maior desenvolvimento local,

tem em vista a reconexão entre o rural e o urbano, que segundo Ploeg (2008) constituem na modernidade “mundos diferentes”. (BRAZ, 2017, p. 5).

Referências como Moreno (2018), Ferrão (2010) ao referir ao contexto europeu e português, traz ao centro do debate do desenvolvimento local e importância da governança e do ordenamento do territorial horizontal e participativo. A governança em multiníveis, remete a importância da organização multiescalar, no que se refere a corresponsabilidade da cidade e do campo nas soluções dos problemas socioterritoriais. A CSA configura-se como um rearranjo local da comercialização de alimentos que elimina os atravessadores e possibilita garantias de um desenvolvimento local. Puliero, Da Silva e Sais (2020) ao analisar a AMAP - Chuchubio de Famalicão em Portugal em comparação com a realidade brasileira, traz a superfície a agroecologia com estratégia de fixação da população rural e garantia de uma coesão rural.

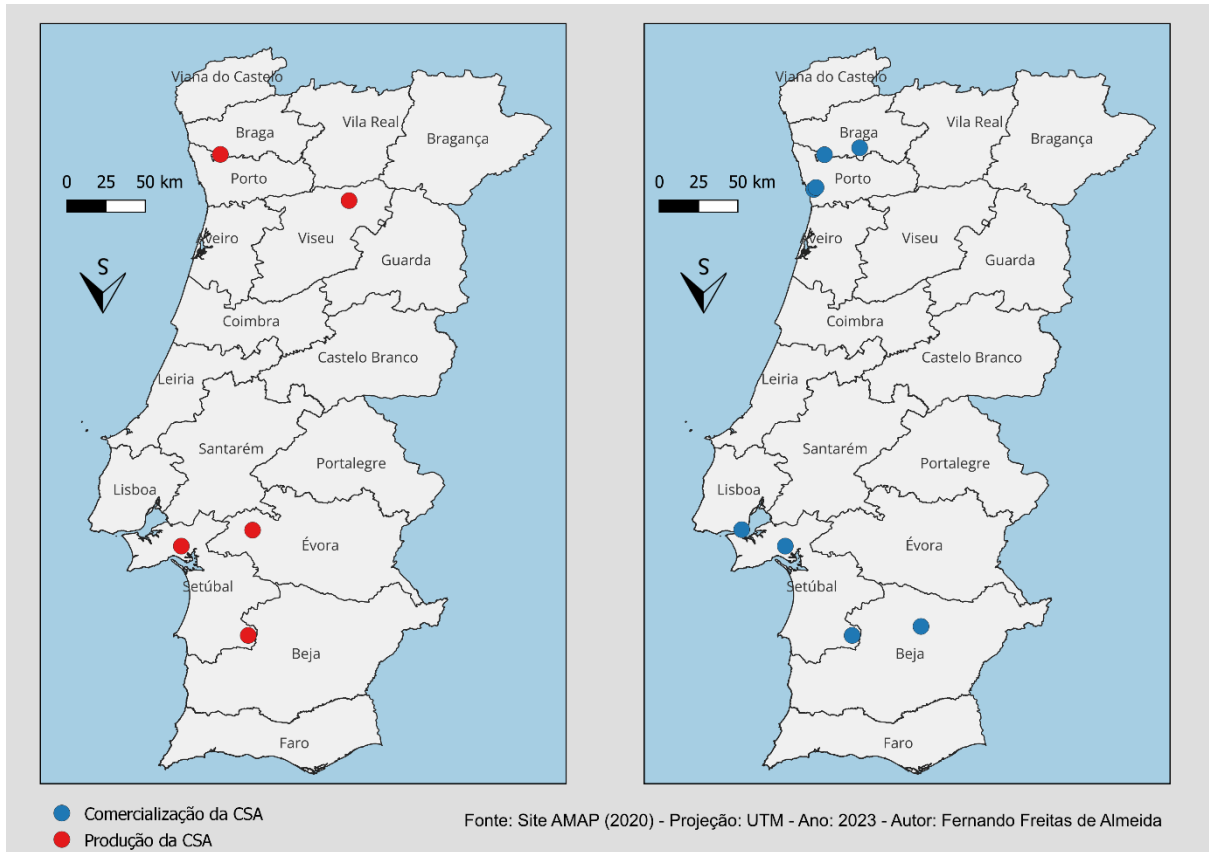
A centralidade do pensamento da Origuela (2019) sobre sistemas alimentar diferencia sistemicamente: os sistemas alimentares do capitalismo controlado pelas transnacionais e as grandes redes varejistas e os sistemas alimentares resistentes, sendo aqueles organizados pelos movimentos sociais organizados, sociedade civil em contraponto das

As empresas transnacionais que compõem o sistema alimentar capitalista possuem poder suficiente para controlar terras, águas e sementes, recursos imprescindíveis ao desenvolvimento da agricultura; dos portos, estradas e ferrovias, meios que permitem o deslocamento dos alimentos no espaço; das indústrias, objetos que processam as matérias-primas; dos mercados, espaços que atuam na distribuição de alimentos; e, por fim, do Estado, instituição que financia a expansão geográfica dessas empresas, além de atuar legislativamente a seu favor. Pode-se notar que o poder está presente em todas as esferas, permitindo a apropriação e o uso do território em benefício das empresas transnacionais, resultando em monopólios territoriais. (ORIGUELA, 2019, p. 31.).

Como premissa chama atenção o fato de como uma organização camponesa e contra-hegemônica de comercialização se replica em países diversos, com desenvolvimento agrário e territorial tão distintos; se no Brasil a organização está muito vinculada aos movimentos sociais que conseguiram territorializar a partir da luta, em Portugal a investigação foi no sentido de entender como se deu esta organização através das associações e camponeses.

Em Portugal pode-se observar ao longo da pesquisa 8 núcleos de comercialização das Comunidades que sustentam agricultura - organizadas pela Associação para a Manutenção da Agricultura de Proximidade (AMAP) e independentes que são: AMAP Porto, AMAP Gaia, AMAP Guimarães, AMAP Famalicão, CSA Sado e Alvalade, CSA Beja, AMAP Maravilha e CSA Partilhar as Colheitas; Além de 5 núcleos de produção: Montado do Freixo do Meio, Quinta de Silves, Monte Mimo, Quinta da Maravilha e ChuchuBio. O mapa a seguir mostra a espacialização destes territórios:

Mapa 1: Territorialização da comercialização e da produção das CSAs em Portugal - 2023

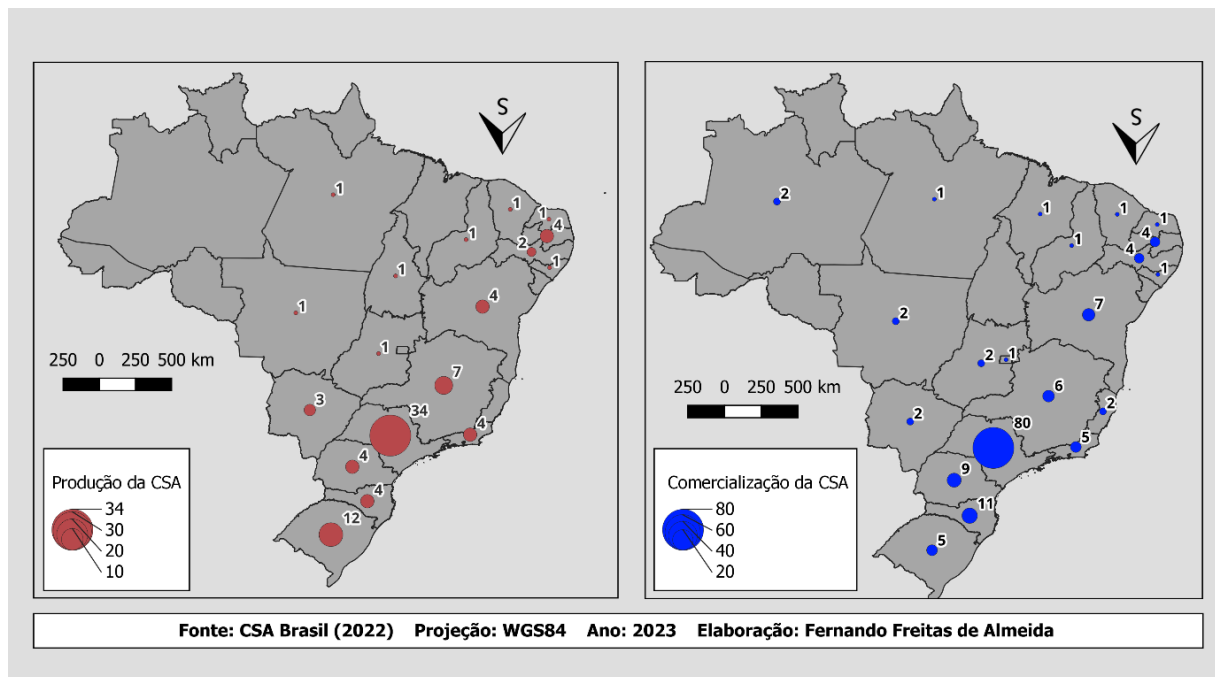


Observa-se que há dois núcleos bem definidos de organização das CSAs em Portugal, marcados por conglomerados urbanos. O que estão presentes no mapa são os pontos de comercialização e produção da CSA, podendo haver CSAs com mais de um camponês como na AMAP Porto e Guimarães, por exemplo, e também camponeses que fornecem para mais de uma comunidade de CSA.

A proximidade com Porto e Lisboa criaram condições para o desenvolvimento da maioria destas, mas cabe ressaltar que em Beja, por exemplo, apesar da distância de um grande centro urbano, há uma organização importante de CSA. Pode-se observar no trabalho de campo em Beja que a condição primeira da criação desta CSA faz-se através do encontro de uma parcela da população urbana crítica em relação ao seu consumo de alimentos com camponeses, que têm na produção de alimentos agroecológicos um meio para garantir sua reprodução da vida.

No Brasil há CSAs territorializadas em todo país, explica-se por ter como base fundamental os movimentos camponeses nos assentamentos rurais, podendo a partir de tal criar um desenvolvimento mais amplo da produção agroecológica. Em outras palavras, a base de desenvolvimento das CSAs no Brasil deu-se sobretudo pela capilaridade de movimentos sociais, que historicamente conquistaram os assentamentos através da luta pela terra.

Mapa 2: Territorialização da comercialização e da produção das CSAs no Brasil - 2023



Tal como Portugal há uma concentração grande de CSAs próximos às áreas urbanas, destaca-se o estado de São Paulo com 80 pontos de entregas e 34 lugares de produção, a escalaridade tomada no Brasil é significativamente superior comparado a Portugal. No Brasil, a tecnologia socioterritorial CSA encontrou solo fértil para multiplicar-se, sobretudo tendo como aliado o maior movimento socioterritorial, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e os assentamentos de reforma agrária, sobretudo aqueles próximos à cidade.

Há 270 territórios no Brasil apropriados pela CSA, entre lugares de comercialização e produção, por sua vez Portugal tem apenas 13 territórios, mostrando uma significativa diferença quantitativa e qualitativa no desenvolvimento destas estratégias. Na revisão bibliográfica e com o campo, foi possível sistematizar a tabela 1, mostrando as diferenças e aproximações qualitativas da organização da CSA.

Tabela 1 – Escala, movimentos, consumidores e produção da CSA Brasil e Portugal - 2023

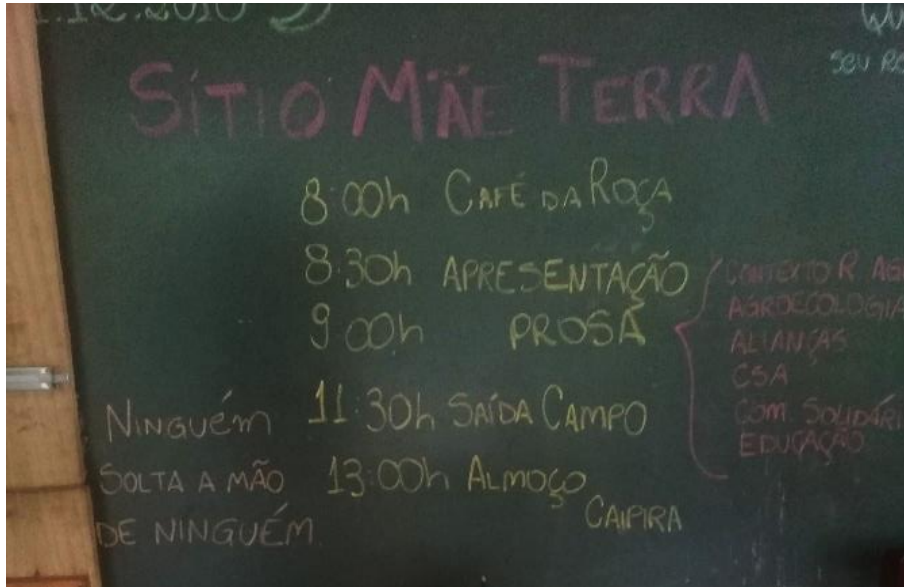
	CSA - Brasil	CSA Portugal
Escala	Nacional	Regional
Movimentos	CSA Brasil, MST e demais movimentos camponeses	Associação AMAP/CSA
Consumidores	Massa crítica articulada	Massa crítica articulada
Produção	Agroecológica/orgânica	Agroecológica/biológica

Fonte: Sistematizada pelos autores

No trabalho de campo, foi possível observar que temas como agroecologia, alimentos saudáveis, desenvolvimento local e soberania alimentar. Esses temas estiveram presentes nas falas

dos camponeses e coagricultores, bem como em placas, anotações na lousa e materiais distribuídos. Essa dinâmica foi observada tanto nos lotes de reforma agrária em Iperó, São Paulo, Brasil, como na Quinta da Maravilha em Portugal.

Fotografia 1: Lousa preparada para o almoço caipira - Lote Mãe terra – Iperó/SP (Brasil) - (2018)



Fonte: Arquivo pessoal

Fotografia 2: Lousa prepara para atividade sobre CSA – Quinta da Maravilha – Palmela (Portugal) – (2023)



Fonte: Arquivo pessoal

A preocupação com a educação não formal teve presente tanto nos campos dos territórios de produção da CSA Brasil quanto em Portugal, os princípios da CSA, pode-se observar nas lousas: no assentamento de Iperó/SP destaca-se palavras escrita em vermelho como “contexto da reforma agrária”, “solidário”, “agroecologia”, “educação” por sua vez na Quinta da Maravilha Portugal as palavras em branco “soberania alimentar”, “agricultura regenerativa”, “educação”, “parcerias locais”, “viveiro” e “eventos”. Temos muitas aproximações das pautas defendidas, em um assentamento do MST no Brasil com camponeses de Portugal, demonstrando que da mesma forma que as estruturas capitalistas hegemônicas se mundializa (Chenais, 1996), as formas de resistências também se reorganizam e se articulam na escala mundo.

A preocupação da semente a mesa mostra-se central na organização das CSAs, pois ao eliminar os atravessadores, possibilita uma aproximação de quem produz com quem consome, estabelecendo a lógica de produção e comercialização camponesas, criando assim mercados alternativos ao hegemônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A territorialização da CSA se estabelece como tecnologia socioterritorial mundializada em ambos os territórios, criando formas de circulação contra hegemônica. No Brasil a CSA encontra-se com a organização dos movimentos sociais nos assentamentos e fora também com demais camponeses e possibilita acontecer uma produção de alimentos agroecológicos em escala, mostrando ser um contra-modelo ao modelo do capitalismo, porém mostra ainda incipiente. Em Portugal a CSA territorializa regionalmente, mas coaduna com planos de desenvolvimento da agricultura biológica do país e da U.E.

A CSA quando aliada a agroecologia, estabelece ferramentas fundamentais na criação de mercados camponeses pensando da semente à mesa, contrapondo o modelo varejista que controlam atualmente a maior parcela de distribuição de alimentos no Brasil e em Portugal, permitindo a produção reprodução do campesinato.

As CSAs enquanto tecnologia socioterritorial emergem nos diversos territórios de maneira diferentes, tanto qualitativamente quanto em quantitativa, em outras palavras, há diferença escalares, políticas e produtivas. Apesar da perda significativa da população rural em ambos os países nas últimas décadas, a territorialização dos assentamentos no Brasil, sobretudo aqueles articulados pelo MST criaram condições para reprodução da CSA em todo o território, enquanto em Portugal a organização presente AMAP nasce posterior a criação das primeiras CSA e não tem uma articulação nacional bem definida.

Por fim, apesar da articulação das CSAs pela sociedade civil, a presença das políticas estatais ainda pontua como central na reprodução do campesinato no Brasil, os mercados alternativos tiveram centralidade na pandemia e no período de retrocessos nas políticas alimentares brasileiras, mas mostra-se ínfima quando comparado a políticas de aquisição de alimentos pelo governo. Em Portugal os subsídios da União Europeia (U.E) e de políticas de permanências no campo em Portugal combinados as CSAs trazem condições de reprodução para os camponeses envolvidos, porém de

maneira pontual. Com isso a soberania Alimentar e a agroecologia são conceitos centrais para entendimento da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com financiamento da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente - SP. Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia que possibilitou estágio de doutoramento em Portugal sob a supervisão do Professor Dr. Luís Moreno no Centro de Estudos Geográficos (CEG) do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) na Universidade de Lisboa (ULisboa).

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3º ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- AUBRY, C. & CHIFFOLEAU, Y. Le développement des circuits courts et l'agriculture périurbaine: histoire, évolution en cours et questions actuelles. França: **Innovations Agronomiques**, v. 5, p. 41-51, 2009.
- AMAP/CSA **“Carta de Princípios”**. Rede Portuguesa de Agroecologia Solidaria – Regenerar. 2018. em <https://amap.movingcause.org/carta-de-principios/> acessado 16/03/2023.
- BAVA, Silvio C. Tecnologia social e desenvolvimento local. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: FBB, 2004, 103-16.
- BORGES, G. A. B.; FERNANDES, B. M. . PROGRAMA CAMPONÊS: UMA POLÍTICA PÚBLICA DESDE OS CAMPONESES. **Revista Mutirão** v. v.2, p. 51-65, 2021.
- BRAZ, M. I.; PEREIRA, M. C. B. CIRCUITOS ALIMENTARES DE PROXIMIDADE: CONCEITOS, DEFINIÇÃO E PRÁTICAS. Recife/PE, **REVISTA DE GEOGRAFIA**, v. 35,p. 117-133, 2018.
- BRAZ, M. I. **Espaço agroecológico e comercialização: a construção de mercados na perspectiva dos circuitos alimentares de proximidade**. Recife/PE: Dissertação de Mestrado - CFCH – UFPE, 2018.
- BRAZ, M. I. SISTEMAS ALIMENTARES DE PROXIMIDADE: Produção agroecológica em circuitos curtos. in: VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Curitiba. **Anais do SINGA 2017**. Curitiba: UFPR, 2017.
- CAMPESINA, Via. **The right to produce and access to land**. Position of the Via Campesina on food sovereignty presented at the World Food Summit, Rome, Italy, 1996, 13-17.
- CHAFFOTTE, L.; CHIFFOLEAU, Y. Circuits courts et ventedirecte: définition, typologie et évaluation. Cahiers de l'Observatoire CROC, **Montpellier**, v. 1 et 2, p. 1-8, 2007.
- CHESNAIS, **A Mundialização do Capital**, Xamã VM Ed. Graf. Ltda., São Paulo, foi publicada em 1996.
- COCA, E. L. F. A SOBERANIA ALIMENTAR COMO PARTE DOS CONTRA-ESPAÇOS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO. **Boletim Alfenense de Geografia**, v. 2, p. 25-43, 2022.
- COCA, E. L. F.; VINHA, J. S. C. ; CLÉPS JÚNIOR, J. . Movimentos socioterritoriais, agroecologia e soberania alimentar em Minas Gerais. **Campo Território**, v. 16, p. 117-144, 2021.

FERRÃO, João. Governança e ordenamento do território: reflexões para uma governança territorial eficiente, justa e democrática. **Prospectiva e planejamento**, v. 17, p. 129-139, 2010.

FERNANDES, Bernardo Maçano. Regimes alimentares, impérios alimentares, soberanias alimentares, movimentos alimentares. **Revista Latinoamericana de Estudios Rurales**, 2019.

FERNANDES, Bernardo Maçano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, 2012, 6: 24-34.

JUNQUEIRA, A. H., & do AMARAL MORETTI, S. L. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais: Community-supported Agriculture (CSA): social technology for the direct sale of food and for the revaluation of territorial food identities. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 26(3), 517-538. 2018

ITS (Instituto de Tecnologia Social). Reflexões sobre a construção do conceito de tecnologia social. In: DE PAULO, A. et al. **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004

MORENO, L. (). **O 'Desenvolvimento' e o 'Rural':** raízes e desafios numa questão europeia. In M. J. Canadas et al. (Coords.), *Racionalidades e Dinâmicas em Espaço Rural*. Escritos em homenagem a Fernando Oliveira Baptista Lisboa, ISAPress (pp. 289-308). 2018

MORENO, Luís. Estratégia agroalimentar e cidades: uma perspectiva de governança e coesão socioterritorial. **Alfices na avenida: estratégias para (bem) alimentar a cidade**, n. 1, p. 125-129, 2017.

ORIGUÉLA, C. F. **Território e territorialidades em disputa:** subordinação, autonomia e emancipação do campesinato em assentamentos rurais no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado) Presidente Prudente: PPGG/FCT-UNESP, 2019.

PULIERO, Lara Palhares Silva; DA SILVA, Vanessa Juliana; SAIS, Isabelle Caroline Ribeiro. Agroecologia como estratégia contra o êxodo rural: o caso da AMAP-Chuchubio em Portugal. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

SANSOLO, G. D, et al. Tecnologias socioterritoriais, soberania e segurança alimentar e nutricional. In: SANSOLO, G. D; ADDOR, F.; EID, F. **Tecnologia social e reforma agrária popular**. 1 ed. Editora: Cultura Acadêmica. 2021, v.1.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo Hucitec, 1996
UNITED NATIONS, 2015. *Transforming our World: The 2030 Agenda for Sustainable Development*. New York: United Nations.

SANTOS, Milton. A revolução tecnológica e o território: realidades e perspectivas. **Terra livre**, São Paulo:1991.

SOTILO, Caroline; LUDERER, Cynthia. CSA: um programa de agroecologia em Portugal e seus códigos culturais. **RIVAR** (Santiago), Santiago, v. 9, n. 26, p. 36-54, mayo 2022. Disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-49942022000200036&lng=es&nrm=iso. acessado em 15 marzo 2023.